

## Universidade e vida autêntica segundo Ortega y Gasset\*\*

### RESUMO

Neste trabalho examinam-se os dois principais textos produzidos por Ortega y Gasset em 1930. Famosos e ordinariamente tratados independentemente um do outro revelam profunda articulação quando se percebe que a reforma proposta em *Misión de la universidad* é resposta para os problemas do homem massa identificados em *La rebelión de las masas*.

**Palavras-chave:** universidade; vida; homem massa.

### ABSTRACT

In this paper we examine the two principal texts written by Ortega y Gasset in 1930. These texts, both famous and ordinarily treated independently, reveal a deep articulation when we observe that the reform proposed in *Misión de la universidad* aims to solve the problems of mass men identified in *La rebelión de las masas*.

**Keywords:** university; life; mass men.

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Del Rei (UFSJ). E-mail: mauricio@ufsj.edu.br

\*\* José Ortega y Gasset, escritor e filósofo espanhol, nasceu e morreu em Madri, respectivamente nos anos de 1883 e 1955. Fundou a *Revista do Ocidente* e se tornou o principal nome da filosofia espanhola no século XX. Suas obras mais conhecidas são: *Meditações do Quixote*, *A desumanização da arte*, *A rebelião das massas* e *O homem e a gente*. Ortega y Gasset desenvolveu uma filosofia da vida partindo de fonte diversa de seu contemporâneo Miguel Unamuno. O filósofo estudou em Leipzig e Berlim, onde foi discípulo de Herman Cohen. Naquele momento tomou conhecimento da filosofia culturalista alemã em especial com a obra de Windelband, para quem cultura é expressão do conhecimento humano. Os alemães da Universidade de Heidelberg chegaram a esta conclusão interpretando a filosofia transcendental de Kant, tomando-a como resultante do que denominamos cultura. Abrangendo o que o homem pensa e aspira construir, cultura aparece como unidade sintética da criação humana. Isto é o suficiente para notarmos que a tradição culturalista alemã, de quem Ortega y Gasset é herdeiro e crítico, deu ao assunto caráter filosófico. Ao tentar vencer os limites do culturalismo de Heidelberg ele não perde o foco filosófico. Destaque-se que, neste contexto, a epistemologia não se resume à adequação do intelecto à coisa nem é resultado do método indutivo. Tudo isto faz com que o conhecimento humano não seja desconectado da cultura e de suas instâncias, alargando-se com a noção de circunstância as condições *a priori* do conhecimento com as quais Kant e Husserl estiveram envolvidos. Mais tarde, no final dos anos 20 tomou contato com o *Ser e Tempo* de Martin Heidegger, ocasião em que desenvolve a segunda e decisiva etapa de seu pensamento raciovitalista. É então que dá dinâmica distinta à razão histórica afastando-se mais claramente dos filósofos culturalistas.

## Considerações iniciais

Começamos perguntando por que estudar a relação entre vida autêntica e formação universitária na obra de José Ortega y Gasset. Primeiro pela atualidade e reconhecimento do autor. Essa atualidade foi tema da tese de doutorado de Ângela Rizzi denominada *Pensando a vida* defendida na Universidade de Bari (Itália), sob orientação do Dr. Cera Giovanni. A atualidade da obra, explicou a pesquisadora, baseia-se no reconhecimento do homem como ser irredutível à explicação racional. Este homem indecifrável vive o presente, está aberto ao futuro e olha o passado como um presente passado. A compreensão do presente atual dá sentido à epistemologia do passado, que é olhado como um objeto escondido na história. E completa, a epistemologia dos fatos passados toma como objeto não só a história particular dos indivíduos, mas também a das sociedades, pois a vida humana é construída no íntimo e em espaços transpessoais. Além disso, Margarida Amoedo demonstra na volumosa tese defendida na Universidade de Évora a importância das teses pedagógicas de Ortega y Gasset ordinariamente pouco examinadas em virtude de não ocupar muitas páginas entre as milhares escritas pelo filósofo. Trata-se, ela afirma: “de conteúdo pedagógico [...] que só em muitos escassos títulos o deixa transparecer.” (AMOEDO, 2002, p. 11).

Lembrada a atualidade do autor e a importância do tema como se vai abordá-lo? Procurando entender a relação entre a preocupação pedagógica de Ortega y Gasset e o eixo nuclear sua Filosofia. Procura-se indicar que o programa educacional exposto em *A missão da universidade* não contradiz as exigências de vida autêntica, tema central da ontologia orteguiana. No entanto, pode-se enxergar uma controvérsia, não examinada nas teses anteriormente mencionadas, que a pesquisa pretende aprofundar e esclarecer. Qual controvérsia? De um lado, a condenação do novo especialista como foi feito em *A rebelião das massas*, isto é, daquele conhece muito o conteúdo de sua especialidade, é reconhecido como tal, mas desconhece todos os infinitos temas da vastidão do universo. Como dar-lhe a chance de chegar à vida autêntica e manter-se, durante sua formação, nos limites econômicos e políticos pretendidos pela reforma universitária desejada?

A realidade espanhola exigia simplificar o programa de conhecimento universitário no final do governo de Primo da Riveira, reduzindo-o às exigências de tempo e recursos da sociedade espanhola. Isto parece um conflito com a exigência íntima de formação ampla que obriga a ir além do conhecimento limitado das especializações para considerar a vida autêntica como ele defendia em *A rebelião das massas*. Enfim, o problema é esclarecer a controvérsia entre a redução do tempo e conteúdos necessários à formação universitária e o amplo saber imprescindível para se chegar à existência autêntica. Para realizar esse trabalho é necessário examinar o conceito de existência autêntica e das condições para vivê-la.

O estudo da universidade e do seu papel na cultura revela que sua missão consiste em submeter a produção e transmissão do conhecimento aos desafios de viver autenticamente. Como tema de investigação atende ainda um problema da geração orteguiana: explicar como a universidade contribui para a formação do homem e do seu papel nas sociedades contemporâneas<sup>1</sup>.

## O contexto em que emerge o problema

No final da década de 20, quando a ditadura de Primo da Riveira caminhava para o final e a sociedade espanhola desejava a democracia, a reforma do Estado Espanhol e de suas instituições era urgente aos olhos de quase toda a sociedade. Devido à importância da educação na vida do povo, uma reforma de todo o sistema parecia condição para responder aos desafios daqueles tempos. Deposto Primo da Riveira assumiu o posto o General Berenguer sem conseguir realizar a estabilização política do país. Havia então um vivo interesse de mudança como relata Margarita Padorno no artigo *La misión de la universidad al servicio de la necesidad pública*:

É novembro de 1930, sem políticos do regime restauracionista, expulsos pelo General Primo da Riveira uns anos antes, com uma monarquia débil, uma oposição socialista e republicana cada vez mais forte e conjurada desde agosto através do Pacto de San Sebastián, todos os grupos sociais do país começam a tomar posições para abortar ou germinar a semente de um novo Estado que já está plantada. (PADORNO, 2001, p. 193-194).

Como parte do processo de renovação da sociedade espanhola, Ortega y Gasset atribui grande relevância à reforma universitária. Ficará claro no desenvolvimento desse trabalho que não se trata apenas de uma reforma para responder aos problemas da Espanha saindo da ditadura, mas de resposta a uma crise mais ampla que atingia a Europa e todo o ocidente. Embora o assunto tenha conteúdo político e sociológico, vamos olhá-lo na ótica filosófica, mais especificamente da epistemologia e ontologia orteguianas, examinando o tipo de homem e de sociedade que os conhecimentos universitários deveriam formar. Ortega y Gasset sabia que sua proposta possuía uma concepção filosófica de homem e vida que dava direção ao funcionamento da universidade e explicitou-a em seus estudos sobre a universidade.

<sup>1</sup> Para uma atual avaliação do assunto é necessário considerar a sessão que a revista *Estúdios Orteguianos*, n. 2, 2001, lhe dedicou. Dos onze artigos ali contidos destaque-se três que são importantes para o atual projeto: *La misión de la Universidad al servicio de la necesidad pública*, de Margarita Padorno; *Mission de la Universidad em el homenaje de 18 de noviembre de 1955* de Rafael Romero; *El papel de la Universidad contra la barbárie*, de Margarida Amoedo. Estes artigos fornecem elementos para uma compreensão contemporânea do texto orteguiano. Eles mostram a atualidade da preocupação de Ortega y Gasset.

E qual é a raiz filosófica do problema? Para o filósofo a vida é única e seu sentido se encontra na realização de núcleo íntimo que ele denomina autenticidade, estando nisso o aspecto filosófico do assunto. Na busca do sentido originário para a sociedade espanhola, o filósofo depara-se com o homem inculto e despreparado para enfrentar os problemas de seu tempo que, no conhecido livro *La rebelión de las masas*, ele denominou de novo bárbaro.

*La rebelión de las masas* e *Misión de la universidad* são os dois mais importantes trabalhos publicados em 1930, ano em que os estudiosos de sua obra consideram iniciar a fase decisiva de seu pensamento. Sabemos que a partir desses textos o filósofo concluiu que a inautenticidade da vida não era um fenômeno apenas espanhol, como entendera em *España Invertebrada*, livro de 1921, mas europeu e ocidental. Em *España Invertebrada* escrevera: "Quando em uma nação a massa se nega a ser massa - isto é, a seguir a minoria diretora -, a nação se defaz, a sociedade se desmembra, e sobrevêm o caos social, a invertebração histórica." (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 93).

Em *La rebelión de las masas* o fenômeno é o mesmo mas está presente na sociedade europeia e ocidental. O que escreve como programa para a reforma da universidade foca no conhecimento das ciências e nas tentativas filosóficas de pensar a vida no patamar necessário para enfrentar os problemas de seu tempo. O programa de *Misión de la universidad* adquire, pois, a forma de proposta universal. A proximidade entre os assuntos revela que o programa de reforma universitária tinha a pretensão de combater os males advindos da sociedade de massas que se generalizara pelo ocidente.

Do que trata mesmo *La rebelión de las masas*? O problema do livro pode ser assim resumido: "A obra apareceu em 1930 e trata a crise da Europa e dos sistemas totalitários surgidos naquele tempo. O livro investiga ainda a raiz moral da crise e dos problemas políticos que emergiam naquele momento histórico." (CARVALHO, 2012, p. 120). O livro mergulha em assuntos importantes para o homem ocidental nas primeiras décadas do século passado.

Como surgiu o fenômeno das massas? Com a mudança no modo de vida da sociedade. O motivo não foi o significativo incremento da população, mas uma alteração comportamental. O que mudou? O fato da massa ter invadido os espaços sociais, de ter ela preenchido os lugares públicos. Antes cada sujeito vivia mergulhado em suas próprias coisas, cuidava da própria vida. Explica o filósofo a mudança ocorrida no espaço social do seguinte modo em *La rebelión de las masas*: "A multidão, prontamente, tornou-se visível, instalou-se nos lugares prevalentes da sociedade. Antes, se existia, passava despercebida, ocupava o fundo do cenário social, agora adiantou as baterias, é ela o personagem principal. (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 145).

O fato da massa ter ocupado o cenário social modificou de que modo a maneira de viver? Criando uma hiperdemocracia em que ser diferente tornou-se anormal. Normal era ser como todo o mundo. A massa impõe um estilo de

vida comum, não pelos mecanismos estabelecidos da representação política, mas “por meio de pressões materiais, impondo seus gostos e aspirações.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 148). No espaço das massas não há lugar para a singularidade pessoal, pois o diferente é logo posto fora do convívio. Detalha o filósofo o fenômeno do controle social: “Quem não for como todo o mundo, quem não pensa como todo o mundo corre o risco de ser eliminado.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 148). E a vida autêntica é, para o filósofo, o contrário do que concebe a massa, como foi resumido na *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*: “A vida é [...] experiência pessoal, livre, circunstancial e intransferível” (CARVALHO, 2002, p. 134). Uma vida verdadeiramente humana é única, singular, vivida na primeira pessoa.

Na avaliação de Ortega y Gasset pertencer à massa não exige esforço, assim a vida rotineira e medíocre do homem massa culmina no vazio moral. Temos um homem que não se angustia em ser como é, nem se esforça para ser melhor. Como se disse em *Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset*: “a questão ganha significado filosófico que amplia seu sentido político” (CARVALHO, 2012, p. 114). O problema toca o modo de ser homem e os compromissos morais daí decorrentes.

No livro *Acerca de Ortega*, seu comentarista mais conhecido Julián Marias confirma o caráter filosófico da questão no capítulo *Introdução A rebelião das massas*. Ele diz que o livro que projetou Ortega y Gasset internacionalmente é normalmente tido como trabalho de Sociologia. No entanto, embora tenha componentes de Sociologia, o que ali se encontra é uma discussão filosófica, pois o livro é: “uma teoria geral da vida humana ou uma metafísica. Se se separa o livro do seu contexto, sua compreensão não pode ser plena.” (MARIAS, 1991, p. 220). De fato, o livro mostra que a vida individual ou coletiva, pessoal ou histórica é uma realidade que implica perigo ou risco porque periga se perder. Esta questão nos coloca diante da autenticidade da vida, ou do que é característico da vida humana, do risco de se perder assim apresentado por Ortega y Gasset em *Ensimismamiento y alteración*:

O homem não é nunca seguramente homem, senão que ser homem significa precisamente, estar sempre a ponto de não o ser, ser vivo problema, absoluta e azarada aventura ou, como eu frequentemente digo: ser, por essência, drama. [...] O tigre não pode deixar de ser tigre, não pode destigrar-se, o homem vive em risco permanente de desumanizar-se (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 305).

Não é contudo, somente Marias que trata o assunto. Gilberto Kujawski dedica a ele um livro inteiro onde explica que o homem vive em perigo de se perder. Afirma: “A primeira consequência da união consubstancial da vida com o perigo, é perder o sentido aquele melodramático imperativo: vive perigosamente, pois o perigo maior é o próprio viver.” (KUJAWSKI, 1986, p. 4).

O livro *Ortega y Gasset, uma crítica da razão pedagógica*, Juan Droguett examina o texto *A missão da Universidade*. Destaca o conteúdo geral e humanista que o filósofo esperava fosse ministrado pela instituição universitária. Para o autor do livro, a missão da universidade é programa amplo de educação das massas no século XXI e, como Julián Marías, aproxima a visão de cultura de Ortega y Gasset do núcleo ontológico de sua meditação: a compreensão da vida como risco. Diz o comentarista: “o ser humano massa é aquele que não se exige; para ele, viver é ser em cada instante aquilo que já é, sem esforço de aperfeiçoamento.” (DROGUETT, 2002, p. 52). Tal comportamento decorre de uma alteração na compreensão humana própria do homem massa: “aplicando ao ser humano massa a filosofia de Ortega y Gasset do eu e a circunstância, poderíamos dizer que o ser humano massa é o homem desprovido de raízes do passado” (*idem*, p. 54). Ele não considera o risco de perder sua humanidade.

Na longa análise que Julian Marías fez do pensamento de Ortega y Gasset em sua *História da Filosofia*, que inclui todo o capítulo VII, ele explica o sentido da vida social no pensamento orteguiano. Eis resumidamente o que propõe: os atos sociais são tipicamente humanos, uma vez que os outros entes não manifestam um comportamento que possa ser considerado social. Então comenta o significado da autenticidade da vida indicando que aquilo que confere legitimidade ao viver é a fidelidade ao núcleo íntimo da pessoa, o que significa que a vida é, em sua essência, risco e solidão. Marías assim o diz: “A ação humana supõe então um sujeito responsável e a vida é, por essência solidão, mas ele vive na convivência com os outros homens. (A vida social) Não é, portanto, vida em sentido primário” (MARÍAS, 2004, p. 512-513).

Para solucionar o aparente impasse entre viver na intimidade e em sociedade, assunto examinado por Ortega y Gasset em *Ensimismamiento y alteración*, Marías mostra que Ortega y Gasset propõe uma nova forma de considerar os temas sociais. Como? Ele divide os atos sociais em interindividuais que, como tal, implica a relação dos indivíduos sem perder o sentido da vida pessoal. É o que ocorre quando se ama alguém ou se cultiva a amizade. A outra forma de vida social é impessoal, isto é, não é espontânea: parar no sinal de trânsito, responder a um cumprimento, por exemplo. Assim, se quisermos entender em que aspectos os elementos da vida social ou da cultura se relacionam com o núcleo íntimo da vida, temos que observar quando a ação humana supõe responsabilidade, solidão e risco. Ao identificar as duas formas de estudar os atos sociais, Marías abre caminho para tratar as questões sociais entre elas o tema da educação.

## Vida autêntica e novo bárbaro

No item anterior indicou-se que as mudanças ocorridas na sociedade europeia desde o início do século XX provocaram um fenômeno social único na his-

tória: o surgimento das massas. Depois se indicou que esse homem novo perdeu a perspectiva do que é vida verdadeiramente humana ou autêntica: risco e solidão, o que resulta numa crise que o filósofo inicialmente pensou ser espanhola, mas depois concluiu tratar-se de fenômeno amplo, de uma crise de civilização. Essa crise, como indicado em *O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset, a crise como desvio moral* nasce do afastamento da vida autêntica:

A característica fundamental da crise do século XX era uma atitude comum que, segundo Ortega y Gasset, marcava a massa e a minoria da sociedade. [...]. O que ele observa é que no século XX, as minorias mais bem educadas nos diversos campos culturais não assumiam a tarefa de dirigir a sociedade, não respondiam aos novos desafios que a vida apresenta, cultivavam um saber muito especializado e ignoravam quase todos os assuntos. (CARVALHO, 2010, p. 15).

O fundamental no artigo mencionado foi mostrar que vencer a crise de civilização exigia a superação do tipo de homem que emergia na história e que isso se faria renovando o processo cultural e a educação. Vamos mostrar como Ortega y Gasset se propõe superar a crise com um programa educacional, mas primeiro é preciso entender bem quem era o homem que perdeu o compromisso com a autenticidade. Em outras palavras que homem é esse que precisava de um novo tipo de educação? Era o homem massa. E quem era o homem massa? Alguém que não tinha compromisso com o núcleo mais íntimo de si mesmo, alguém que não se ocupava de viver autenticamente, isto é, que não tinha fidelidade a si mesmo e ignorava as necessidades de seu tempo, era uma espécie de novo bárbaro. Em síntese feita em *Ética e Direito no discurso político de Ortega y Gasset* encontra-se rápida caracterização desse novo bárbaro como se segue: "O novo bárbaro que emergia no horizonte histórico possuía características que o diferenciavam do antigo: senhorio satisfeito, jovem mimado e bárbaro especialista." (CARVALHO, 2012, p. 102).

Nos capítulos finais da primeira parte de *La rebelión de las masas*, o filósofo caracteriza a vida inautêntica do novo bárbaro dizendo que ele é como um senhorio satisfeito. No capítulo XI explica que o homem massa se encontra satisfeito com o que é, com seu modo de vida, supõe que a vida é fácil, que não há riscos, que ela não possui limitações trágicas e acredita que seus problemas serão resolvidos com o que ele herdou das gerações passadas. Assim encontra-se satisfeito com seu saber moral e intelectual não julga precisar esforçar-se nem fazer nada diferente, mas está convencido de poder participar do universo social e lhe dar um caminho. Diz o filósofo: "Este contentamento consigo leva-o a fechar-se a toda instância exterior, a não escutar, a não colocar em questão suas opiniões e a não contar com os demais. Sua sensação íntima de domínio o incita constantemente a exercer predomínio." (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 207).

E qual o resultado desta satisfação com seu estado íntimo? O de se comportar como menino mimado que não aceita ser contrariado. Seu comporta-

mento é de uma criança rebelde, um novo bárbaro. Eis como o explica: “Esse repertório de fazeres (contentamento íntimo e falta de compromisso) nos faz pensar em certos modos deficientes de ser homem, como um menino mimado, e o primitivo rebelde, quer dizer, o bárbaro.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 207).

O homem massa encontra-se deslumbrado com os resultados da tecnologia, está satisfeito com tudo quanto existe à sua disposição, mas não se dá conta do quanto de sofrimento, riscos e angústias estiveram associadas ao esforço de as produzir. Ele é inconsciente do esforço e dos perigos da vida, o que falseia sua percepção do assunto e sua atitude. Ele se torna um risco para as futuras gerações, por que não assume o compromisso de fazer tudo melhor e diferente do já feito. O fato leva Ortega y Gasset a considerar que quando o homem massa se torna figura central do espaço coletivo “é preciso dar o alerta e anunciar que a vida se encontra ameaçada de degeneração, quer dizer, de relativa morte.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 210).

A vida do homem massa é inautêntica, por que ela se encontra afastada da essência da vida que é o risco. Uma sociedade de homens massas é uma coletividade infantil e em crise.

A infantilidade do homem massa leva-o a viver em sociedade como se vive em casa. Crê que pode estar na rua como se porta em casa e “acredita que nada é fatal, irremediável e irrevocável.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 211). Ortega y Gasset esclarece então porque o senhorio satisfeito é um homem contraditório. Ele “sabe que certas coisas não podem ser e, entretanto, [...] finge com seus atos e palavras a convicção contrária.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 213). Esta atitude alimenta uma crise de civilização onde se adota posições e se defende coisas que no íntimo se sabe falsa. O homem massa age como o cínico no helenismo que apregoava o niilismo, mas sabia que a civilização estava ali para protegê-lo e que ela não se desfaria com suas pregações. E pergunta “o que faria o cínico em um povo selvagem onde todos, naturalmente e a sério, fizessem o que ele, falsamente, considera ser seu papel pessoal?” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 214).

A outra característica do homem massa é o de ser um especialista, nascido da exigência da especialização imposta pela prática da ciência moderna. Essa exigência “o converte automaticamente em homem massa, quer dizer, faz dele um primitivo, um bárbaro moderno. E por que ele é um bárbaro? Porque conhece muito de um pequeno campo do conhecimento e é ignorante de todo o resto. “Ele aprendeu uma técnica sofisticada ou uma profissão exigente, mas é ignorante de quase todos os outros assuntos.” (CARVALHO e BESSA, 2012, p. 121).

Há algo curioso no comportamento desse novo bárbaro. Além de ignorante é prepotente porque se comporta como um sábio em assuntos que desconhece. E a prepotência faz dele um insubordinado que não reconhece “instâncias superiores” (CARVALHO e BESSA, p. 219), no sentido de que despreza conhecimentos e talentos maiores. A autenticidade só poderá ser recuperada

por uma nova geração que enfrente a essência da vida de outra forma. Que recupere o que a vida possui de autêntico.

Fica claro, nas análises apresentadas no livro que só uma reforma na formação do homem europeu poderá levar à superação da inautenticidade da vida e da crise de civilização<sup>2</sup>. Qual é o cerne do problema? A falta de sentido, a desorientação daquela geração que não enxerga os riscos da vida. Não é um problema restrito ao conteúdo da aprendizagem, como observa Cascalès: “o homem se encontra sem nada para fazer, sem programa de vida, desmotivado.” (CASCALEÈS, 1957, p. 153).

## Vida autêntica e reforma universitária

Eis a questão inicial: por que o homem massa, um homem com formação universitária, não vive existência autêntica? O que o afasta da realidade e lhe tira a capacidade crítica? A descrição acima já sugere a resposta. Ela começa a ser articulada na caracterização do homem massa no citado livro *La rebelión de las masas*. Na raiz do problema a convicção atrapalhada de que a vida civilizada é simples e fácil, ou, como o filósofo prefere apresentar a crença “que a civilização está aí, simplesmente, como cortesia terrestre e da selva primitiva.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 220).

Além da rebeldia infantil há o problema da especialização produzida pelo ensino das ciências modernas. E por que a especialização ajudou a produzir o homem massa? Mostramos que, para Ortega y Gasset, se uma ciência não se separa das demais, “o trabalho nela sim tem que ser - irremediavelmente - especializado” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 217). A especialização decorrente do ensino da moderna ciência faz surgir na história um homem que conhece muito sobre as mínimas regiões do universo, mas nada do restante. Essa circunstância, o ser diplomado e reconhecido como sábio numa pequena área do conhecimento e se comportar como se sábio fosse em todos os campos, evidencia mais sua vasta ignorância que seu pequeno conhecimento.

A avaliação orteguiana é de que o homem massa leva uma vida inautêntica e o motivo é que sua compreensão da vida é irreal. O filósofo sugere o enfrentamento dessa realidade, que culmina numa crise de civilização e exige a superação das contradições que a produz. Entre as causas da formação do

---

<sup>2</sup> No capítulo III do clássico livro de Charles Cascalès intitulado *L'humanisme d'Ortega y Gasset*, o autor aproxima a noção de homem-massa do programa educativo de Ortega y Gasset. Ele observa que para o filósofo a crise de civilização identificada e reconhecida por vários filósofos do século XX nascia da falta de preparo do homem para enfrentar os desafios da vida. Enquanto outras sociedades entraram em decadência, como a Antiga Roma, pela insuficiência de seus princípios, no século passado, o homem se sente conhecedor de muitas coisas, possui rico cabedal de conhecimentos, mas não tem nada a fazer com ele (é um bárbaro). O livro deixa claro que ao enfrentar o problema do que conhecer o homem atual se depara com o problema da autenticidade. É este vínculo o eixo central do projeto.

homem massa está o ensino deficiente da ciência, o que obriga a revê-lo. O desafio da geração de Ortega y Gasset é como compatibilizar a reforma com a realidade econômica da sociedade e as condições políticas do seu país naqueles dias. O assunto é complicado porque reformas universitárias que têm em vista a eficiência do sistema ou a redução do tempo de estudos normalmente não contribuí para desenvolver o pensamento crítico e a formação ampla necessários à vida autêntica.

O assunto parece relevante também porque a organização do sistema universitário é imprescindível para todos os países do mundo, sobretudo se se considera ser crise universal a que deu origem ao homem massa. Além disso, o destino do homem ocidental encontra-se atrelado ao conhecimento racional, como reconheceu Husserl ao dizer que o ocidental é um funcionário da cultura e herdeiro dos antigos gregos. Tratar do que é razoável conhecer afeta não só a organização das universidades, mas o futuro do homem ocidental.

Em *Misión de la Universidad*, Ortega y Gasset propõe respostas para os problemas identificados em *La rebelión de las masas* conferindo à universidade o papel de mudar o modo de lidar com a ciência e a cultura, cuja inadequada abordagem contribuía para o surgimento do homem massa. Assim, a resposta aos problemas históricos do contexto espanhol não mudava o fato de que “a raiz da reforma universitária está em ajustar plenamente sua missão.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 314). E essa missão tem uma dimensão individual e outra coletiva para permitir que homem e sociedade sejam “colocados em sua verdade, obtendo sua autenticidade e não empenhando em ser o que não é, falsificando seu destino inexorável pelo nosso arbitrário desejo.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 314-315). Como o problema das massas era questão ocidental a reforma pensada tinha o propósito de ser apresentada para todo o ocidente e não só para Espanha.

O que pretendia a Universidade Europeia? De modo sintético: formar profissionais e preparar pesquisadores. Esses últimos em número bem menor, a maioria se torna mesmo profissional “médico, farmacêutico, advogado, juiz, economista, administrador público, professor de ciências e de letras [...], etc.” (*idem*, p. 319). Felizmente, constata Ortega, a sociedade não necessita de tantos pesquisadores quanto de profissionais.

O que é fundamental no ensino universitário é que o profissional e o pesquisador recebam formação cultural. E o que é ser culto? É possuir ideias claras sobre o funcionamento do universo e crenças justificáveis sobre como são as coisas. É isso o que fará do universitário um homem de formação superior e apontará o caminho da autenticidade. Segundo Ortega y Gasset “cultura é o que salva do naufrágio vital, o que permite ao homem viver sem que sua vida seja tragédia sem sentido ou radical aviltamento.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 321). E por que é assim? José Carlos Rothen resume a visão orteguiana da forma seguinte: “é na cultura que o homem encontra os valores

vitais de sua existência, o repertório de convicções que norteia sua ação.” (ROTHEN, 2011, p. 69). A sólida cultura está associada à vida autêntica, acrescenta Ortega y Gasset na obra *Misión de la Universidad*, pois ela é resposta aos problemas históricos, já que “é forçoso viver à altura dos tempos.” (ORTEGA Y GASSET, 1994 p. 312).

O que significa isso: viver à altura dos tempos? Significa enfrentar dificuldades tendo em vista “o sistema de ideias vivas que o tempo possui” (*idem*, p. 323). Esse entendimento de que os desafios do homem e seu esforço de compreensão do mundo possui dimensão histórica e nem sempre consciente ganha força a partir dos anos 30 com o desenvolvimento da tese da razão histórica. A expressão amadurecida dessas teses está num livro de 1947 denominado *La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*. Nessa obra o filósofo esclareceu de forma completa a relação entre as ideias de uma filosofia e as ideias vivas, ou crenças, que ele resume no conceito *draoma*. O conceito contempla as crenças subjacentes às ideias de um tempo ou é “uma ação vivente ou ingrediente invisível dela.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 259).

Em *Misión de la universidad* Ortega apresenta o homem culto como aquele que é capaz de conhecer a ideia viva que alimenta o conhecimento presente dos mecanismos do mundo físico, as teses articuladoras da história e da biologia. Não se trata de conhecimento específico da profissão, mas da ideia que as alimenta os elementos de crenças que lhe são subjacentes. Esses elementos nem sempre são conscientes, mas contém aspectos que são. O conhecimento exclusivo dos elementos típicos da profissão era uma das razões do surgimento do homem massa. A formação universitária proposta por Ortega y Gasset era ampla o suficiente para combater o fenômeno das massas. O assunto é assim proposto no livro: “o ensino superior é primordialmente ensino de cultura ou transmissão de uma nova geração do sistema de ideias sobre o mundo e o homem que chegou à maturidade na anterior” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 325).

Quando perde o caráter cultural a universidade deixa de ser essencialmente o que ela é e se torna inautêntica como o próprio homem massa. É o que ocorre ao homem ou instituição quando afastada de seu cerne se torna uma coisa falsa. Diz Ortega y Gasset: “o pecado original consiste nisso: não ser autenticamente o que se é” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 327). O propósito de recuperar o que a universidade tinha de autêntico como instituição é o caminho para combater a inautenticidade do homem que levou à crise de civilização. E o que é a autêntica missão da universidade? É “fazer do homem médio, antes de tudo, um homem culto - situá-lo à altura dos tempos” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 325).

Nesse ponto do texto o filósofo volta a tratar do ensino da ciência reafirmando que ciência não é transmitir leis, fórmulas e teorias. Ele diz que: “em seu sentido próprio e autêntico, ciência é só investigação: colocar problemas,

trabalhar em resolvê-los e chegar a uma solução.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 336). Entendida assim a ciência exige compromisso vital, dedicação para superar a passividade e falta de compromisso do homem massa, entendido como senhorio satisfeito.

A crise de civilização que nasce como o homem massa surge porque o homem médio não está a altura de responder aos desafios de seu tempo, dando origem “a uma época de terrível incultura.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 344). Para combatê-la é preciso distinguir formação cultural de preparo profissional, sendo que ambos dependem da ciência “que está inseparavelmente ligada ao destino do homem europeu.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 350).

A conclusão de Ortega é que “a universidade é distinta, porém inseparável da ciência.” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 351). Ciência que é uma forma de responder aos desafios de um tempo.

## Considerações finais

O livro *La rebelión de las masas* (1930) projetou Ortega y Gasset como pensador reconhecido internacionalmente. Inicialmente olhado como análise sociológica da realidade europeia naquelas primeiras décadas do século passado, aos poucos foi avaliado como contribuição filosófica, sem perder a dimensão sociológica inicialmente identificada.

*Misión de la universidad* é o outro texto fundamental daquele mesmo ano. Mesmo sem o reconhecimento do primeiro a leitura comparativa mostra que eles se articulam, sendo o segundo uma proposta para combater os problemas indicados no primeiro. Além disso, esclarece Ortega não apenas o homem torna-se inautêntico quando perde a capacidade de responder seu tempo e de ser fiel a sua responsabilidade social, mas também as instituições sociais correm o mesmo risco quando se afastam de sua missão. Assim, o filósofo pretende apontar um caminho para que a instituição universitária esteja à altura dos tempos.

O fundamental da universidade é oferecer formação cultural que é mais ampla que o ensino das profissões e da ciência. A formação científica entendida como forma de responder aos desafios da vida é parte integrante e necessária da formação cultural e faz parte do modo europeu de ser.

Procuramos demonstrar nesse artigo a validade da interpretação elaborada por Margarida Amoedo no artigo *El papel de la Universidad contra la barbarie*. Ali ela propõe que, para Ortega y Gasset,

a universidade deve ser melhor antídoto de qualquer fenômeno de massificação deshumanizadora de nossa vida, que necessita assumir com rigor suas finalidades e subordinar a estas, tanto sua estrutura e seus agentes, como seu grau de exigência.” (AMOEDO, 2001, p. 118).

Procuramos, contudo, ir além do que ela disse ao comentar que a reforma da Universidade, concebida como síntese do saber de um tempo, pode ser operacionalizada nos limites de tempo e conteúdo razoáveis, não sendo necessário estender muito a formação para oferecer um bom ensino. O essencial no ensino das ciências é oferecê-la como resposta aos problemas da vida.

## Referências bibliográficas

AMOEDO, Margarida I. Almeida. El papel de la Universidad contra la barbarie. *Revista de Estudios Orteguianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, v. II, n. 2, p. 111-118, 2001.

\_\_\_\_\_. *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2002.

CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002.

\_\_\_\_\_. O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset, a crise como desvio moral. *Argumentos*, Fortaleza: UFCe, ano 2, n. 4, p. 9-18, ago./dez., 2010.

\_\_\_\_\_. Ética e direito no discurso político de Ortega y Gasset. *Éthic@*. Florianópolis: UFSC, v. 9, n.17, p. 97-127, 2012.

\_\_\_\_\_. Ortega y Gasset: crise da Espanha e problemas políticos. In: CASTRO LEAL, Ernesto (Org.). *Monarquia e República*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.

CARVALHO e BESSA, Vanessa da Costa. Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset. In: CARVALHO (Org.). *Poder e moralidade, o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade*. São Paulo: Annablume, 2012.

CASCALÈS, Charles. *L'humanisme d'Ortega y Gasset*. Paris: Presses universitaires de France, 1957.

DROGUETT, Juan Guillermo. *Ortega y Gasset*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Viver é perigoso*. São Paulo: GDR, 1986.

MARÍAS, Julián. *Acerca de Ortega*. Madrid: Espasa Calpe, 1991.

\_\_\_\_\_. *História da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. *Espanha invertebrada*. Reimpresión. Madrid: Alianza, 1994. (*Obras Completas*. v. III, 2).

\_\_\_\_\_. *La rebelión de las masas*. Reimpresión. Madrid: Alianza, 1994. (*Obras Completas*. v. IV, 2).

\_\_\_\_\_. *Misión de la Universidad*. *Obras completas*. v. IV, 2. Reimpresión. Madrid: Alianza, 1994.

\_\_\_\_\_. Ensimismamiento y alteración. *Obras Completas*. v. V, 2. Reimpresión, Madrid: Alianza, 1994.

\_\_\_\_\_. La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva. v. 8, n. 2. Reimpresión. Madrid: Alianza, 1994.

PADORNO, Margarita Marqués. La misión de la universidad al servicio de la necesidad pública. *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset. v. II, n. 2, 193-196, 2001.

ROTHEN, José Carlos. A universidade e sua missão segundo Ortega y Gasset. In: ARAÚJO, José Carlos de Souza (Org.). *Concepções de universidade nos séculos XIX e XX*. Brasília: Liberlivro, 2011.